

O BERÇO da CRIE



ASSINATURA: Anual, 20\$00; Trimestre, 5\$00; Avulso, \$50

Semanário nacionalista

Propriedade da Empresa
Editor — ANTONIO LINO

DIRECTOR: H. ALMEIDA

Redacção e Administração — Rua da República, 48-1.
Impressão: Tip. Minerva — Vila Nova de Famalicão

PALAVRAS PÓSTUMAS

A' MARGEM

UM dos aspectos mais interessantes da vida política moderna é, sem dúvida, a crescente preponderância da juventude na luta de ideias do nosso tempo. Esta juventude e esta luta de ideias tem assumido, ultimamente, a feição antipática do lugar-comum.

Mas nem por isso (ou talvez —... mesmo por isso) se pode afirmar que esse facto, tam cheio de conseqüências, se encontre devidamente estudado, para depois poder ser com eficiência e adequadamente dirigido para uma finalidade superior. Não é aqui, em duas linhas, que o problema se pode aprofundar. Apenas se pretende mostrar o que parece ser o principal aspecto.

Certamente, todos compreenderam ou presenciaram já que da actividade política da mocidade há-de resultar fatalmente: ou um grande bem ou um grande mal. E então fácil se torna concluir que é caso a ponderar qual seja a maneira melhor de atingir o primeiro polo daquela alternativa. Ora, a ser verdade que o tam falado mal-estar das sociedades (evitemos a palavra crise...) encontra a sua principal origem na desorientação (sob todos os aspectos) das grandes massas humanas, parece de boa razão que para aquele se procure o remédio eficaz, neutralizando a causa, orientando, afinal.

E como neste sentido, orientar é sinónimo de educar, caímos, assim, no problema da educação, sob a feição que agora nos interessa, da educação da juventude.

E' este um problema de exirema acuidade, no momento que passa. E, na verdade, parece que da sua resolução dependem, em grande parte, senão na maior, a estabilidade e eficácia da reconstrução dos Estados Modernos. Mussolini é um exemplo frisante. Marcha sobre Roma... E, mesmo antes de ter completamente traçado a fisionomia jurídica do Estado fascista, toma nas mãos previdentes a alma plástica da mocidade e modela-a — sabendo que assim constitui uma Pátria nova.

São muito discutíveis, pelo menos para nós, portugueses, os objectivos que visou. Mas o processo é, com certeza, eficaz, como está sobejamente comprovado.

Em Portugal sente-se a mesma necessidade de educação. Depois de termos percorrido um largo século de desordem e anarquia que nos enfraqueceu, é urgente pensar numa ampla e profunda reforma da mentalidade dos novos, em vista daqueles «grandes Ideais» de que num discurso falou, há anos, alguém que entre nós tem as maiores responsabilidades.

Assim cimentaremos fortemente o futuro. Não esqueçamos nunca que um homem só não pode fazer tudo. Para que, numa sociedade, uma determinação produza a todos os resultados benéficos, não basta que ela, em si, seja óptima; é necessário, sobretudo, que a sua execução seja perfeita e conscientemente recebida. E isto, que afinal é a harmonia no todo, não se obtém senão pela adequada conjugação de todas as partes.

O problema está pôsto. Estude-o quem melhor o souber e resolva-o quem o puder fazer. Mas ao preferirmos uma solução, lembremo-nos sempre de que, no allo, intangíveis e como finalidades axiomáticas a guiar-nos, estão certas ideias fundamentais. Entre elas, avultam: a Pátria e a família, que afinal é uma pátria mais pequena. Assim, a educação dos novos (terreno mais prometedo), será a condição indispensável da sua integração no agregado social como elementos úteis, resultando assim o engrandecimento da Nação. Engrandecimento que, internamente, se traduzirá em bem-estar e progresso e internacionalmente em força que impõe respeito.

E este segundo resultado é tanto mais de apreciar e querer quanto é certo que hoje, como há dezenas de séculos, o direito entre as Nações continua a ser pesado na célebre balança de Breno.

NUNO MONTEIRO.

«Há alguns anos já que a nossa política deixou felizmente de ser o simples reflexo de dois ou três outros países. A experiência feita tem demonstrado que a hora não é das direitas nem das esquerdas: a hora é de quem sabe o que quer e quer na verdade realizar o seu ideal político.»

Estas expressivas palavras de Salazar, pronunciadas no momento em que a política da nação vizinha voga sem rumo, desvairada pela confusão partidária, — traduzem a solidez e consistência da doutrina do Estado Novo, firme no seu propósito de servir a Nação.

Além fronteiras, o cachoar das paixões, as ameaças da rua, tumultos e incêndios; em Portugal, num ambiente de paz, numa atmosfera de serenidade e calma, trabalha-se na resolução dos grandes problemas nacionais.

No Ministério da Educação nacional prepara-se a reforma da escola portuguesa, durante longo tempo desviada da sua função moralizadora.

No Ministério do Comércio e Indústria ajustam-se as diversas peças da máquina corporativa, de forma a assegurar-lhe o seu duplo objectivo: desenvolvimento económico, harmónico e coordenado, e acção renovadora no campo social.

O Ministério da Guerra última o projecto de rearmamento do nosso exército. O extenso império colonial português dá fóros de necessidade vital, absoluta, ao plano do rearmamento.

De nada valia o desenvolvimento económico, sem a garantia do domínio territorial.

Na Assembleia Nacional concluiu-se a discussão do projecto do decreto sobre aciderites de trabalho e o estudo das bases do novo código administrativo.

VIDA CATÓLICA

Estado Novo — Estado Cristão

Mês de S. José — Principia amanhã na Basílica de S. Pedro a novena em honra do Patriarca S. José, que será rezada pelas 6 horas, com Missa e Bênção do S. Sacramento.

Este piedoso exercício religioso, celebrar-se-á também nas Igrejas Paroquiais da cidade e na Capela da V. O. T. de S. Francisco, que será pelas 17 e meia horas.

Pão dos Pobres de Santo António — Na Capela da V. O. Terceira de S. Domingos, foram distribuídas 120 boroas de pão por igual número de pobres, no passado domingo.

— Amanhã, na mesma Capela, e por oferta de um devoto de Santo António, far-se-á igual distribuição de 120 boroas de pão. Bem haja pois este caritativo acto, que vai minorar nesse dia a fome em muitos lares.

— Na Igreja da V. O. Terceira de S. Francisco, também na passada quarta-feira, pelas 10 horas, foi feita uma larga distribuição de boroas de pão pelos pobres necessitados.

Apostolado da Oração — Amanhã realiza-se na Igreja do Carmo, servindo de paróquia de Nossa Senhora de Oliveira, a reunião Mensal do Apostolado da Oração, com o seguinte programa: de manhã, pelas 6 horas, Missa e Comunhão Geral para os associados, e de tarde reunião de zeladores, Adoração e Bênção do S. Sacramento.

Bênção das cinzas — Em todas as igrejas paroquiais desta cidade se realizou na última quarta-feira a cerimónia de bênção e imposição das cinzas.

A cinza posta sobre a fronte do homem, recorda-lhe o que êle foi na sua origem e há-de ser depois da morte; pó, cinza. O que o homem tem de grande e nobre deve-o a Deus seu Criador.

Esta cerimónia que dá início ao tempo quaresmal convida-nos a ser humildes diante de Deus e mortificados no corpo para que cresça em nós a vida da graça.

Abstinência e jejum — Durante a quaresma, são dias de abstinência todas as sextas-feiras — e de jejum, as quartas, sextas e sábados.

São leis diferentes a abstinência e jejum. A abstinência proíbe o uso de carnes e a ela são obrigados todos os católicos, desde os 7 anos em diante.

O jejum consiste numa só refeição ao dia, podendo nesta usar-se de carne se não fôr também dia de abstinência. Podem também tomar-se duas pequenas refeições, de manhã e à noite.

A esta lei estão obrigados os católicos desde os 21 anos completos até aos 60.

Não estão obrigados a jejum os doentes e os que se entregam a trabalhos pesados ou obtenham dispensa do confessor.

Evangelho:

Naquele tempo, foi Jesus conduzido ao deserto para ser tentado pelo demónio. E, havendo Ele jejuado quarenta dias e quarenta noites, teve fome. Então o tentador aproximou-se e disse-lhe: se sois o filho de Deus, mandai que estas pedras se tornem em pão. Jesus respondeu: está escrito; não só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que procede da boca de Deus. Então o demónio conduziu Jesus à cidade santa; e colocando-o sobre o pináculo do templo, disse-lhe: se sois o filho de Deus, lançai-vos daqui para baixo, pois está escrito; ordenou aos seus anjos que Vos levassem nas suas mãos para que os vossos pés não tropeçassem nas pedras. Jesus disse-lhe: também está escrito; não tentarás o Senhor teu Deus. Ainda o demónio conduziu Jesus a um monte muito elevado, e mostrando-lhe todos os reinos do mundo, revestidos das suas glórias, disse-lhe: dar-vos-ei tudo isto, se, de joelhos, me adorares. Então disse-lhe Jesus: retira-te Satanaz, pois está escrito; Adorarás ao Senhor teu Deus e só a Ele servirás. Logo o demónio deixou Jesus, aproximando-se os anjos, que o serviram.

S. MATEUS.

Considerações:

A vida do homem sobre a terra tem de ser um combate contínuo contra o espírito do mal.

Fomos criados por Deus para O servir e amar nesta vida e gozá-lo na eternidade. Nisto está toda a felicidade do homem. O demónio, porém tenta desviar-nos deste caminho e levar as almas à desgraça eterna. E de que armas se serve o príncipe das trevas? Encontra-as em nós mesmos, e são as três espécies de concupiscência de que nos fala o apóstolo S. João: — concupiscência da carne, concupiscência dos olhos e soberba da vida. O amor desregrado aos prazeres da carne, a cobiça demasiada dos bens terrenos e excessiva estima pelo nosso «Eu», eis as feridas abertas em nosso coração pelo pecado original e que o demónio tenta agravar até levar-nos ao pecado mortal. A sensualidade, a avareza e orgulho, são os vícios que levam mais almas aos caminhos da iniquidade e perdição eterna; são obstáculos que o homem tem de vencer corajosamente para sair vitorioso do combate com o demónio.

E armas para nos defender nesta porfiada peleja de todos os dias? Jesus Cristo é o nosso Mestre e Guia; e para que o fôsse em tudo, permitiu que o demónio O tentasse também. Antes, porém, preparou-se para essas tentações, orando e jejuando durante quarenta dias e quarenta noites. Eis as armas a manejar; a oração e penitência.

Pela penitência cortamos e destruímos as raízes do mal que a triplé concupiscência plante em nosso coração; pela oração, obtemos o auxílio de Deus, tornando-nos mais fortes.

Pela penitência, separa-nos do pecado; pela oração, abraçamos o dever e seguimos alegremente o caminho de Deus.

Sempre precisamos de orar e fazer penitência, pois que as tentações para o mal são de todos os dias; mas com mais humildade, compunção e ardor durante o tempo quaresmal, que agora começa e se prolonga até à festa da Páscoa.

NÃO DIGA ASSIM... DIGA ANTES...

Fiz, fez, quis, fui e foi

Como é sabido, o verbo fazer tem, na primeira pessoa do pretérito perfeito, a forma *fiz* e na terceira a forma *fez*. Pois há muito quem troque estas formas e diga *eu fez* por *eu fiz*; outros empregam *êle fiz* por *êle fez*. Enganam-se uns e outros. Deve dizer-se sempre *eu fiz* e *êle fez*.

Acontece cousa semelhante com *quis*, forma da primeira e da terceira pessoa do pretérito perfeito de *querer*. Por analogia com *fez*, há quem diga *quez* na terceira pessoa. E' erro que se não justifica.

Também é freqüente ouvir-se no norte do país, especialmente na nossa região minhota, pronunciar *eu foi* em vez de *eu fui*. Cometem este erro até pessoas que, por certo, ao escreverem não o cometem; escrevem bem, mas pronunciam mal. Haja cuidado e não se cometa erro tam feio.

Não se diga pois: *eu fez, êle fiz, êle quez* e *eu foi*; diga-se exclusivamente: *eu fiz, êle fez, êle quis* e *eu fui*.

J. S.

«Eu, que sou católico, estou a pôr o problema para os não católicos e pergunto se há mais lindo símbolo de idealismo para todos — católicos e não católicos — do que este exemplo forte e veemente (do Crucifixo) que aconselha a todos a que se guiem na vida por motivos altos e dêem, se fôr preciso, o sangue em defesa do seu ideal. Não é a figura triste de uma religião de morte e de tristezas que o Crucifixo põe diante da mocidade: é uma figura de vida nobre e elevada, aquela vida que se dá pela verdade: tem em pé um forte e enorme ensinamento.»

Dr. Mário de Figueiredo.

«Não é a ciência que dirige os homens. O que dirige os homens é o sentido da vida.

A proposta em discussão apresenta-se como um programa de educação, que pressupõe naturalmente a necessidade de transmitir à mocidade uma concepção anti-individualista da vida.»

Dr. Mário de Figueiredo.

Associação de Socorros Mútuos Fúnebre Familiar Operária Ulmaranense

Da leitura do bem elaborado relatório desta prestante colectividade, colhe-se uma admirável lição de solidariedade operária, concretizada numa obra de vasto alcance social que ennobrece os seus dirigentes e honra a nossa terra.

«Num esforço porfiado, a direcção da Associação Fúnebre dotou, com o auxílio de valiosas dedicações, esta colectividade de um esplêndido edifício social — consoladora realidade que ainda há bem pouco não passava de um sonho — e que se mais não houvera, por si só bastaria para justificar o nosso brio colectivo. Mas, fez-se mais, foi-se mais longe, felizmente». Estas palavras, transcritas do relatório, traduzem uma justa satisfação.

Pelo movimento de contas verifica-se o alto grau de progressividade que esta simpática instituição atingiu.

Receita, 104.563\$25; despesa, 75.712\$20; havendo um saldo anterior de 28.815\$05, que, junto ao do ano anterior, de 66.052\$00, prefaz um total de 94.903\$05, que passa para o ano de 1936.

Eis a acção da Associação Fúnebre, expressa em expressivos números.

Registamos também, como enternecedora manifestação de reconhecimento, as palavras evocadoras do saudável Dr. Miranda da Rocha, que a esta colectividade prestou o seu carinho e boa vontade.

Aos dirigentes da Associação Fúnebre os nossos parabens por tam grandiosa acção social.

"Notícias de Guimarães"

Porventura os artigos de doutrina católica, exarados neste jornal, implicarão com a actividade regionalista do *Notícias de Guimarães*, integrado, como apregoa, na defesa dos interesses desta terra?

Constituirá a difusão da nossa doutrina, «confusa e nada valiosa», como insinua, empecilho à sua acção bairrista?

A anotação dos «horários das missas e lausperenes», à semelhança de muitos jornais mesmo neutros em matéria religiosa, representará um empecilho ao seu esforço «Por Guimarães»?

Estaremos nós, «beatíficos e seráficos» nos termos do *Notícias*, a contrariar, com esta orientação, a consciência vimaranense?

Não, senhores, a verdade é outra, bem clara e visível.

O *Notícias*, com o nome de Guimarães na boca e o rótulo de regionalista no cabeçalho, está destilando, gota a gota, o seu ódio à igreja católica.

Nem a conversão de Leonardo Coimbra, que os próprios adversários acolheram numa religiosa atitude de respeito, mereceu tolerância e consideração ao *Notícias de Guimarães*.

E assim, afirmou que o espírito gentil, formoso e bom, do festejado orador *foi atirado para o catolicismo freirático e catáego*.

De toda a imprensa portuguesa, foram estas as únicas palavras de rancoroso jacobinismo, que acompanharam o passamento de Leonardo Coimbra.

Mas estas expressões são apenas a consequência lógica do pensamento já manifestado a propósito das Festas da Família e Ano Novo «preconceitos de um tradicionalismo mais que velho, já sem vantagem para ninguém».

Em matéria religiosa os do *Notícias de Guimarães* estão desmascarados com dados colhidos no processo por eles próprios organizado.

Podem «pedir a Jesus pelo eterno descanso da sua alma» — da secção «Falecimentos», que a tartufice das suas palavras já não oferece dúvidas a ninguém.

Como aos gritos de «Por Guimarães, por Guimarães», se ofende a consciência religiosa de um povo!

QUINTAS

Vendem-se as quintas de Frijão e Souto de Ribas, sitas na freguesia de Corvite, do concelho de Guimarães.

Tem casa boa de senhório, terrenos de cultura e de mato.

Trata o solicitador Augusto Silva.

A TEORIA DA DEMOCRACIA

Augusto Comte observava, com aquela superioridade que caracteriza todas as suas observações, que nunca os inferiores podiam escolher os superiores. Não se compreende que os governados, sem competência para as funções de govêrno, escolham os governantes. A admissão dessa escolha leva, em última análise, ao princípio incongruente de que são os governantes sem competência para as funções de govêrno quem governa.

Se o princípio parlamentarista assenta na soberania da maioria, e como a incompetência é a maioria, acontece que é a incompetência quem triunfa, quem decide, quem governa.

A representação das minorias nada resolve, pois, ao contrário do que muita gente afirma, entendo que da discussão, geralmente, sai mais treva do que luz.

As discussões parlamentares são justas de palavrosos — e com palavrosos os povos caminham a estrada que o nosso tem caminhado.

No entanto, a verdade é que a mistificação parlamentar entrou tanto no quadro dos vícios irreprimíveis, que, à semelhança do que acontece com o jogo, será bom regulamentá-la. A regulamentação do parlamentarismo consistirá, assim, em conceder a capacidade eleitoral apenas aos que, presumivelmente, podem e sabem dispor do seu voto, e em restringir as funções parlamentares ao mínimo. A primeira medida contribuirá para a repressão da anarquia da Opinião Pública; a segunda, para a limitação da anarquia das esferas governativas.

Poucos têm insistido tanto, entre nós, em criticar a Democracia, por ela se basear no Número, como eu.

Sempre que posso, isto é, sempre que tenho pretexto para tal, chamo a atenção dos espíritos reflectidos para a absoluta sem razão que existe numa Doutrina que faz depender a *verdade* da opinião da maioria. E digo que a *verdade* é independente do número dos que a professam, podendo estar na minoria, estando, mesmo, por via de regra, fora da maioria.

E' que não podendo ela ser, e não devendo ser resultante da inteligência média que aliás é uma quimera, mas sim das inteligências superiores, e não sendo estas nunca, em grande número, nos meios sociais, evidentemente que ou ela sai do reduzido grupo das inteligências superiores, e não é, portanto, obra da maioria, ou sai desta, por maioria ser, e representa a cooperação das inteligências inferiores.

Nas Democracias, porque o Número é a *ultima ratio*, acontece que a direcção da sua vida e a solução dos seus problemas cabem ao Anonimato, à Irresponsabilidade, porque o Número, por definição, é anónimo, e, portanto, irresponsável.

Exemplos de todos os dias, para não dizer de todas as horas, mostram os inconvenientes da Democracia, e, conseqüentemente, dêste critério. As massas, ou por outra palavra, a inteligência mediana em que são absorvidas as inteligências individuais, nem é capaz de reflexão, nem é competente para estudar e prever. As massas são instintivas, caprichosas, flutuantes, inconseqüentes, à mercê dum nada que surge, não se sabe donde, e as conduz e domina. A sua obra é fatalmente deficiente, inferior.

Não há objecção possível a estas observações, e toda a gente as entende. Não há nada mais precário do que o Número como critério da verdade. E quando outras razões não houvesse, havia esta que é fundamental, essen-

(Continua na 7.ª página)

A' MARGEM

O primeiro decreto, notável documento jurídico, assegurará às classes operárias, em bases sólidas e insofismáveis, uma situação de justiça em caso de acidentes de trabalho.



O Novo código administrativo, prometido pelo Govêrno Provisório, mas que só o Estado Novo traçou, representa a garantia da acção municipal liberta do caciquismo político.



Finalmente, em todos os ministérios retocam-se os planos de reconstituição económica, que ainda este ano serão executados.



Obras hidráulicas, agrícolas, de fomento, construções de escolas, etc., etc., que à classe operária proporcionarão largos meios de trabalho e à vida nacional rasgarão mais amplos horizontes.



Com Salazar, todos os portugueses de boa vontade, todas as almas sãs, que a lepra das paixões e dos ódios ainda não corroeu, podem dizer em unísono: «a hora é ainda e sempre nossa!»

DO CONCELHO

Caldas das Taipas

(Atrasado)

Aniversário da eleição do Papa — Para comemorar o 14.º aniversário da eleição do Pontífice Pio XI, realizou-se na igreja paroquial um *Te-Deum* soleníssimo, precedido de missa cantada.

A concorrência foi imensa, apesar do invernosidade.

O altar estava primorosamente engalanado. A alocução feita pelo rev. Pároco padre Silva Gonçalves, sobre o Pontificado em geral, e, em particular, sobre o prestigioso Pontífice S. Santidade Pio XI, sobre a fundação e a estabilidade surpreendente da Igreja, foi escotada em invulgar silêncio.

Ao fim da imponente festa, era visível a agradável impressão de toda a gente.

— Faleceu José Maria da Silva, o Ferra, que teve um funeral muito concorrido, prova de quanto era estimado.

O pobre rapaz sofreu cruciantemente, mas sempre com espírito de resignação, que muito edificava.

Que o Senhor tenha à Sua vista a alma do pobre Ferra. — C.

Largo João Franco

Transcreveram as nossas expressões condenatórias da instalação dos tendeiros no Largo João Franco, solidarizando-se com elas, os correspondentes desta cidade para o *Comércio do Porto e Correio do Minho*.

Agradecemos.

Efectivamente, aquela feira carnavalesca magoa a consciência vimaranense que por João Franco alimenta ainda bem vivo, o sentimento da gratidão.

Mas, porventura, representava uma necessidade para a vida do comércio, a instalação dos tendeiros em local mais vizinho dos nossos lojistas? Ou seria um luxo impróprio de tendeiros, a sua permanência na praça do Mercado?

Não sabemos nem curamos de saber a resposta a estas dúvidas.

O ponto da nossa divergência é este: o largo de João Franco merece respeito, e os vendedores ali, com as suas bugigangas, achincalham-no.

Já que falamos em largos, vem a talhe de foice o terreiro de S. Francisco, motivo de aceradas e justas críticas dos nossos correspondentes.

Somos de parecer, perfilhando sensatos critérios, que a solução remodeladora e vantajosa reside na abertura de uma rua até ao Campo da Feira.

Isto resolveria o problema de uma forma satisfatória.

Como as múltiplas obras em curso de abertura de ruas não aconselham esta medida no presente momento, o ajardinamento do terreiro, corrigindo o declive do piso, está sobejamente indicado.

Trabalho de pouco dispêndio, obra de fácil e rápida execução, tinha a vantagem de aformosear um largo fronteiro a um dos mais majestosos templos desta cidade, acabar com o coradoiro-pastagem, e a nós, ardentes defensores do progresso desta terra, evitar mais desperdício de tinta.

RECTIFICAÇÃO

Tendo saído viciada a construção do primeiro período do suelto inicial do *A' margem*, reproduzimos a sua verdadeira construção:

Queríamos saber. «Por dever de ofício somos leitores forçados», etc. ...

Assim é que devia ter saído.

Dinheiro

Empresta-se sobre 1.^a hipoteca.

Nesta Redacção se diz.

ROMA E MOSCOVO

FRÊNTE EM FRÊNTE

Se desde há cinqüenta anos *Roma* avisou os cidadãos e as nações prevendo o avizinhar-se da época presente; se *Roma* deu aos homens de Estado as normas pelas quais os Poderes Públicos haviam de nortear as suas constituições sociais, económicas, morais e políticas (não sobre as diversas e diferentes formas de governo — regime — que umas e outras quando encaminhadas e agindo para o bem comum dos povos dentro dos princípios da Moral, lhe são absolutamente indiferentes desde que nas Leis umas ou outras não firam, dificultem ou proscurem os direitos da sua acção de Mestra da Verdade, da Extrema Verdade, de que ela é a única e fiel depositária) para que os Estados efectivem aquela missão para o cumprimento da qual Deus os instituiu, criando o homem ser por natureza e necessidade sociável e como a tal deu leis à sua inteligência, ao seu coração à sua vontade, leis próprias de ser social, para se constituir em sociedade criado; se *Roma* hoje mais que nunca afervora os seus ensinamentos estendendo a todas as fileiras dos seus filhos orientações que impõem gravíssimos deveres, e nunca como em nossos dias desenvolveu uma acção tam intensa, tam ordenada, mesmo completa (olhando o problema em conjunto), não só em uma ou em outra nação, não só a uma ou outra classe, mas em todo o mundo e a todas as classes, sem olhar a religiosos ou a seculares, a sacerdotes ou leigos, a sexos ou a idades, mas a todos quantos (e como disse são mais de trezentos milhões) seus filhos são e seus filhos se afirmam; se *Roma* não desprezando mas bem ao contrário aproveitando todos os progressos pacíficos da moderna ciência intensificando-os e protegendo-os, utilizando-os e ordenando que de eles os católicos lancem mão num esforço supremo e decisivo; se *Roma* quer e exige que o trabalho não seja de indivíduos isolados mas organizados: não agindo de conta própria, mas actuando disciplinadamente, não aqui só, mas em todas as paróquias de cada diocese, em todas as dioceses de uma nação e em todas as nações do mundo, sob um só comando sob uma só bandeira — é porque a ruína da civilização de que ela foi, é e será, a grande pregoeira e o mais categorizado elemento de organização e de expansão, já não afecta, como de há anos atrás, este ou aquele povo, esta ou aquela nação, uma só ou outra classe da sociedade, em especial, este ou aquele Estado, de uma maneira mais profunda, mas sim todos os povos, todas as nações, todas as classes.

De facto, *Moscovo* absorvendo de várias e diferentes fontes as suas teorias de organização social, económica, moral e política, captando aqui e além até mesmo — porque não dizê-lo? — do próprio Evangelho de Cristo, os seus princípios, deu-lhes uma nova forma e ao dar-lhes essa nova forma (em teoria, mas sobre tudo na prática) criou uma doutrina.

(Continua).

W.

PATROCINADO PELA UNIÃO NACIONAL

Dr. Nuno Monteiro

Publicamos na primeira página um artigo do saudável dr. Nuno Monteiro, expressamente redigido para *O Berço da Grei*.

A morte, porém, surpreendendo-o abruptamente, quando a sua aguda inteligência equacionava um problema da vida nacional, não permitiu que o artigo hoje publicado soresse qualquer retoque.

Arquivámo-lo, conforme se encontrava rascunhado.

Inteligência perfurante, Nuno Monteiro, apesar de sua idade, 22 anos, comprazia-se em sondar o íntimo das questões, para lhes extrair a essência.

A sua última produção literária, plena de substanciosos conceitos, foca um dos problemas mais vitais do nosso tempo — da sua solução depende o futuro.

Era assim a inteligência do chorado quintanista.

Desde o tempo de estudante liceal revelou sentido desdém pelas superficialidades.

Aliava no mais alto grau, à inteireza de carácter um espírito robusto e cintilante.

Acentuadamente cábula, pelo repúdio às noções livrescas dos mestres liceais, era, entretanto, o mais culto do seu curso.

De bom gosto, trocava as aulas por umas horas de concentrada leitura na Biblioteca pública.

Foi neste estudo espontâneo, que êle colheu valiosos elementos que notabilizaram as suas argumentações nas aulas de filosofia, proficientemente dirigidas pelo prof. dr. Magalhães e Silva, brilhante capacidade pedagógica.

Em Nuno Monteiro perdeu o Nacionalismo português um servidor consciente, e nós um amigo e um colaborador.

SOCIEDADE

Pelo sr. dr. Alberto Ribeiro de Faria, foi pedida em casamento, para o nosso prezado amigo e distinto colaborador dr. Carlos Saraiva, a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Emilia de Freitas Ribeiro, filha do proprietário sr. António de Freitas Ribeiro.

Aos noivos, dotados de primorosas qualidades de carácter, auguramos um futuro pleno de venturas.

— A redacção de *O Berço da Grei*, que, ansiosa, sentiu as horas amarguradas do nosso prezado amigo, vibrante nacionalista e activo secretário da União Nacional concelhia, sr. Francisco Pereira Mendes, congratula-se pelo restabelecimento de sua esposa, ex.^{ma} sr.^a D. Aida Cruz Pereira Mendes, que, em Lisboa, foi submetida, com êxito, a uma melindrosa operação.

C O R P O R A T I V I S M O

Caldas das Taipas

Inauguração da nova sede dum Sindicato

Foi inaugurada, no último domingo, com muita solenidade, a nova sede do «Sindicato Nacional de Garfeiros», em Sande (S. Martinho) freguesia limítrofe.

Houve uma sessão solene e foi inaugurado o retrato do professor sr. João Rodrigues Marques, que tem dado ao Sindicato muitíssimo da sua inteligência, do seu coração, em actividades decididas, vencendo obstáculos que vinham de errados conceitos do dever social e de hábitos perniciosos, filhos de orientações que, infelizmente, fizeram caminho por muito tempo, influenciando e desorientando até boas almas.

Veio presidir à simpática festa o sr. dr. Henrique Cabral, illustre Delegado do Trabalho e Previdência, no distrito de Braga.

S. Ex.^a escolheu para secretariar os srs. presidente da Junta de freguesia de Sande e José de Oliveira, das Taipas, como representante da imprensa.

Foi concedida a palavra, em primeiro lugar, a um representante do Sindicato, que saudou o sr. dr. Henrique Cabral, agradecendo a honra da sua vinda e saudou a imprensa. Teve carinhosas palavras também para o antigo presidente da direcção sr. Fernando Ribeiro Salgado e para o illustre professor Rodrigues Marques, alma da instituição criada.

Nesta altura foi descerrado o retrato do sr. Marques, houve salva de palmas e tocou a música.

Em seguida falou o sr. José de Oliveira, com eutusiasmo e vibração, pondo nas suas palavras todo o calor da sua alma juvenil, alma de nacionalista convicto, ardoroso, a quem, diz nada entibia o ânimo: nem gestos atrabiliários e injustos de vingativos e despeitados, nem cobardias e indiferenças de acomodaticios.

O seu caloroso discurso foi saudado com vivas frenéticos e prolongados.

O professor sr. Rodrigues Marques, agradecendo a homenagem que lhe prestaram, fez a história da fundação do Sindicato, falando com elevação e patriotismo, sendo as suas palavras coroadas por uma longa salva de palmas.

Falou por fim o sr. dr. Henrique Cabral. Palavra de doutrinar, apóstolo do corporativismo, palavra fluente influenciando as almas.

Disse como devem ser as aspirações operárias, para obterem êxito seguro.

(Continua na 4.^a coluna)

NA HORA DA JUSTIÇA SOCIAL

Reüniram, segunda-feira pretérita, no salão nobre da Associação Comercial, a convite do sr. dr. Henrique Cabral, illustre Delegado do Instituto Nacional de Trabalho, os industriais de cutelaria, que numa elevada compreensão da hora de Justiça Social e Disciplina da actividade económica, que estamos vivendo, resolveram iniciar os trabalhos para a organização do Acôrdo Colectivo. Em nome dos industriais ficou nomeada uma comissão composta de três membros, que imediatamente procederá ao estudo das bases do Acôrdo, que será aceito em harmonia com a vontade do Sindicato.

Para se avaliar o alcance social d'este Acôrdo, basta apontar algumas das suas matérias:

Horário de trabalho; salários mínimos; admissão e despedimento do pessoal; caixa sindical de previdência, com cotizações patronais e operárias; fiscalização e sanções. Estas cláusulas, representativas da maior obra social de todos os tempos no nosso concelho, foram bem acolhidas pelas entidades patronais, o que sobremaneira cativou o espírito do ex.^{mo} sr. dr. Henrique Cabral. Este acôrdo tem para os patrões a vantagem de disciplinar a indústria, extinguir a concorrência desleal, causa de muitas ruínas no campo económico, consolidando o futuro da cutelaria.

Na região de Creixomil, lavra entre a massa operária grande entusiasmo. E' o sol da justiça que ilumina de novas esperanças o olhar dos trabalhadores!

Sob a égide do Estado Novo Corporativo, inicia-se, num ambiente de calma, sem gritos nem ameaças, uma autêntica revolução social.

Patrão e operário, capital e trabalho, numa acção congregada, numa atitude de respeito recíproco, lançam as bases de uma Nova Era de Justiça.

Há cousas Novas em Portugal!

Os industriais de Creixomil, exemplo edificante de compreensão da Nova Era, caminham na vanguarda da revolução ordeira e disciplinada que o Estado Novo encetou.

CAMARADAS, SINDICALIZEMO-NOS MAIS FORTEMENTE

A sindicalização deve ser a principal preocupação de todos os que desejam ver as suas realidades conquistadas.

O Sindicato tem uma alta função a desempenhar que é necessário ser reconhecida, pois só assim se poderá avaliar as vantagens que a sindicalização nos trará.

Depois de cumprido este dever de humanidade temos a tranquilidade da consciência, a bem-dizer o esforço da nossa acção.

Queremos, senhores, que a classe patronal forme os seus grêmios para que o nosso Sindicato possa assinar os contratos colectivos de trabalho.

Mas estes contratos queremos de boa fé; que de nenhuma forma venham cercear os nossos direitos.

O Sindicato luta e lutará sempre para conseguir para os seus associados os benefícios a que têm incontestável direito; por eles sempre trabalhará, não com armas mortíferas, mas sim com a arma da justiça e da razão.

Luta nobre, luta leal, para que depois dessa luta não saia ninguém magoado.

Classe patronal e classe operária precisam de dar as mãos para juntas e unidas resolverem o problema da questão social, que desde há muito se antolha de difícil solução, o que afinal aos Grêmios e Sindicatos é bem simples de resolver.

Firmes, serenos e calmos, agiremos na defesa dos nossos legítimos interesses, levantando a nossa desprotegida classe e con-

Sindicato N. dos Operários da Indústria Têxtil

No passado dia 22 de Fevereiro, reuniu a direcção do Sindicato dos operários da indústria têxtil sob a presidência do sr. António Leiras.

Tomou conhecimento de um offico enviado pelo Sindicato N. dos empregados no Comércio de Setubal, resolvendo associar-se também à entrega de uma mensagem ao ex.^{mo} sr. dr. Teotónio Pereira, actual ministro do Comércio e Indústria.

Em virtude de ter sido aprovada a chapa da nova direcção d'este Sindicato, resolveu officiar aos novos membros, convidando-os a tomarem posse dos respectivos cargos no próximo sábado, dia 29 de Fevereiro, pelas 21 horas do referido dia.

S. N. dos M. de Pão do Distrito de Braga

(Secção de Guimarães)

Previnem-se todos os indivíduos que trabalham nesta indústria, incluindo os que se empregam na distribuição, de que vai principiar a ser feita com rigor a fiscalização ao cumprimento do Decreto n.º 25.733, de 12 de Agosto de 1935.

Devem os interessados munir-se imediatamente do seu cartão profissional, para evitar as penalidades a que pela sua falta estão sujeitos.

Esta Secção presta esclarecimentos todos os dias úteis desde as 10 às 12 horas, na sede à rua Elias Garcia n.º 28-2.º, nesta cidade.

O Presidente,

a) Isekiel de Sousa.

CALDAS DAS TAIPAS

(Continuação da 1.^a coluna)

Preconizou o espírito de justiça e o espírito de disciplina, que deve inspirar a todos, para que a todos venha a caber a quota parte a que tem jus no campo social.

Foi um dia cheio, em que, para a realização das generosas ideias do Estado Novo se deu passo avantajado.

solidando as nossas relações com aqueles de quem dependemos.

Se depois de meditates sobre as vantagens da sindicalização ainda não fôres sócio de qualquer Sindicato, apressa-te a sê-lo, e se ainda o não houver na tua classe junta-te aos teus camaradas e funda-o.

Só depois de teres feito isso poderás dizer: cumpri o meu dever.

Escuta este conselho amigo, do teu camarada de trabalho.

M.

HIGIENE E PROFILAXIA

A chaveira

A chaveira, lazária ou grafuza, é o nome por que vulgarmente é conhecida uma doença parasitária, que ataca de preferência o porco, tornando a sua magnífica carne perigosa e por consequência imprópria para o consumo público. O seu nome em ciência médica é o de *cysticercose*.

E' ela o agente causal no homem da *toenia solium*, vulgarmente denominada «bicha solitária», que tantos danos causa à saúde pública.

No porco vivo o seu diagnóstico é tarefa difícil e muitas vezes impossível. E' vulgar encontrarem-se indivíduos, especialmente matadores, com a estulta pretensão de conhecerem a *cysticercose* nos suínos vivos. São várias as razões que os orientam: umas vezes a grossura anormal do pescoço, outras a dificuldade que estes animais têm em saltar e outras, ainda, o grunhido difícil e rouco. O que é um facto é que nenhuma delas tem fundamento.

A única forma prática, mas muito falível, de fazer o diagnóstico em vida, é pelo exame da parte inferior da língua. Verificando-se alguma ou algumas pequenas vesículas, que constituem o *cysticercos*, fatalmente o animal é chaveiro; porém não as apresentando o seu significado é nulo, pois que não elimina a sua existência.

E' caracterizada esta doença por uma incrustação de pequenas vesículas, no tecido muscular, do tamanho médio de um bago de arroz, e que encerram um pequeno corpo branco, envolvido por um liquido de consistência gelatinosa, e que não é mais do que a cabeça duma futura ténia.

Os suínos, quando em liberdade, são coprófagos (comem excrementos). Se os excrementos ingeidos provêm de indivíduos portadores da ténia, junto com eles são deglutidos os ovos desta. Cada ovo encerra uma pequena larva chamada *hexacanto*, por ser provida de seis ganchos, que é posta em liberdade pela acção dos sucos gástricos e que, fixando-se à parede do estômago, a perfuram. Entram na corrente sanguínea através dos primeiros vasos que encontram e sendo assim veiculadas até aos tecidos musculares onde se fixam e enquistam sob a forma de *cysticercos*. Se o homem comer esta carne impregnada de *cysticercos*, ou chaveiranta, no seu estômago, a vesícula é digerida pela acção do suco gástrico e a cabeça da ténia, posta em liberdade, vai para o intestino, onde se fixa à mucosa com os seus ganchos e ventosas e pouco a pouco se vai desenvolvendo transformando-se na temível ténia, de vários tama-

DUAS MENTALIDADES

Em resposta a um meu artigo, de 25 do passado mês de Janeiro, li no *Notícias de Guimarães* um artigo de prosa chocarreira, estilo muito em uso nos tempos que já lá vão, prosa infelicíssima supondo visar, um suposto autor (quer queiram, quer não — a verdade é uma — o artigo era de ataque pessoal).

Como no próprio artigo dizia que, «a carapuça vai a quem serve», e como, *errando o alvo a atingir*, o artigo me não atingia, não mereceu dar-lhe resposta.

Qual não é o meu espanto ao deparar em número do jornal posterior ao citado artigo, êste desprante: «não foi em tórno duma gralha (?) que fizemos as nossas considerações» (!). «Para nós, tanto valia ser Liso como Lino, como para nós, hoje esclarecida a gralha, tanto vale ser Lino como Liso.»

Imediatamente, talvez porque não tivesse lido bem o tal artigo, voltei de novo a lê-lo — analisando-o. Desta segunda leitura concluí: é que os senhores quando não têm que dizer, inventam!

— Com que então não servi a Pátria, pretextando talvez alguma lesão cardíaca?!

— Com que então, eu, invoquei alguma vez a técnica?!

— Com que então, eu, talvez não pudesse apresentar a certidão de 2.º grau?!

— Com que então a minha cultura é feita de «habilidades»?!

— Com que então, eu, disse que a «maquineta» é um móvel raro?!

Senhores! — calma, não baralhem; não d gam tanta asneira em tam poucas palavras; façam mais um pouco de esforço mental, seguindo o caminho da recta razão; pensem (por favor) mais um pouco, não façam cousas no ar...

Se assim fôra não teriam errado o alvo duma forma tam ridícula; não teriam, agora, feito «pior a emenda que o soneto»!

Em que parte do meu artigo está a confusão entre restauros e arranjos?

A um artigo de doutrina os senhores — como é uso da casa o ataque pessoal, juntando chocarrices sobre chocarrices, misturadas com o baixo insulto, serviu-lhes a carapuça, enterrando-a do meio para cima, mas oh! mal notaram que enterrando-a assim, ficava a carapuça, como não podia deixar de ser, enterrada até às orelhas! — a um artigo de doutrina, repito, responderam com um artigo visando um certo... que não foi aquele que o escreveu.

Estes senhores, habituados como estão a romancezinhos de cor-deal e almanaques «seringador», admiram-se de eu conhecer Fialho.

Pensam talvez que a mocidade de hoje gasta (como a que nos precedeu), o seu tempo em *nefelbatice*? Sim, retribuo o insulto que me não alcançava, mais próprio de mentalidades ôcas, liberais e lunáticas; a minha geração já não é de idealismos vagos nem adora muitos que nada dizem nem traduzem; o seu Ideal é alto, iluminado pelo clarão forte da Verdade!

Nos meus artigos combatendo pela transformação da mentalidade e pela formação de «novos costumes» e «novos conceitos de vida social», como se referiu Salazar no discurso do Palácio da Bôlsa, não tenho em vista *um* ou *uns*, mas todos. Dirijo-me, não me imponho: o público que escolha o caminho.

— aos que vêem e sabem ver: a minha camaradagem;

— aos que não sabem: procurar-lhes-ei mostrar a luz, que por cegueira não podem descortinar;

— aos cegos que não querem ver: desprêzo.

ANTÓNIO-LINO.

nhos que não raras vezes ultrapassa o comprimento de 12 metros.

Estamos numa região onde infelizmente a chaveira e por consequência teniase são muito frequentes, motivo por que todos devem ter o máximo cuidado com a ingestão de carne de porco.

As rejeições de suínos, nos matadouros do nosso concelho, são frequentíssimas, constituindo um dos maiores flagelos para os vendedores de carne suína, motivo por que a chancela da inspecção sanitária posta nas carnes, deve constituir uma garantia para o consumidor.

A garantia de que a carne provém de casas muito limpas, e de confiança, não tem qualquer fundamento, porquanto muito mais confiança deve inspirar aquela que provém de animais

mortos nos matadouros, onde a inspecção é rigorosa.

A carne chaveiranta, desde que seja submetida a temperaturas elevadas, cozida, ou quando frita em fatias delgadas, não é perigosa, visto que o *cysticercos* foi destruído pelo calor, porém é de boa prática inutilizá-la sempre, pois que nem sempre a temperatura, a que foi submetida, foi suficiente mas também porque alguns *cysticercos* desprendidos da carne, vão cair sobre alimentos que são ingeridos em cru, ou que estão cozinhados.

Em resumo, dum porco chaveirante só deve ser consumida a gordura e vísceras, excluindo o coração que em geral também é muito atacado por esta doença.

J. B.

MONUMENTOS AOS MORTOS DA GRANDE GUERRA

8 de Fevereiro:

A Câmara, depois de apreciar os factos que giram à volta do Monumento, resolveu mandar um ofício à Comissão *Pró-monumento*, onde fixa a sua atitude.

Segue o ofício:

Ex.^{mo} Sr. João Teixeira de Aguiar, digno Presidente da Comissão Executiva *Pró-monumento* aos M. da G. G. de Guimarães.

A Comissão Administrativa da C. M. da minha presidência julga conveniente dar conhecimento oficial a V. Ex.^a de duas propostas que interessam ao patriótico empreendimento da Comissão a que dignamente preside.

A primeira proposta foi votada em sessão de 22 de Novembro de 1934 e diz respeito à concepção artística do Monumento.

Para elucidação de V. Ex.^a, transcreve-se a referida proposta:

«—A Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Guimarães, correspondendo a um duplo sentimento de admiração e piedade pelo contingente de soldados sacrificados na Grande Guerra, filhos deste concelho, querendo nêles exaltar o ideal sublimado da Pátria e dar testemunho do nobre civismo da população vimaranense delibera erigir entre nós um monumento condigno à sua memória, ao passo que manifesta o desejo de que êsse monumento traduza nas suas linhas de beleza e de grandeza artística um sentido claro, expressivo, de amor e paz entre os homens.»

Votada esta proposta, foi seguidamente deliberado concorrer com o subsídio de trinta mil escudos para o início da subscrição pública, atenta a circunstância de o Município por si só não poder tomar todo o encargo das despesas do monumento.

A segunda proposta foi votada em sessão da Comissão de Estética, reunida na Escola Industrial e Comercial Francisco de Holanda, em Março de 1935, no sentido de que fôsse «aberto concurso público, entre artistas portugueses, para a erecção de um Monumento aos Mortos da Grande Guerra, em local oportunamente a designar».

A esta reunião da Comissão de Estética assistiu o ex.^{mo} sr. capitão Duarte de Gusmão Fraga, como presidente da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, deste concelho.

Ambas as propostas foram aprovadas por unanimidade; e, emquanto as mesmas não forem alteradas por novas resoluções, esta Comissão Administrativa não pode considerá-las revogadas, o que, para os devidos efeitos, comunica a V. Ex.^a.

A Bem da Nação.—Guimarães, 8 de Fevereiro de 1936.—O Presidente, José Francisco dos Santos.

Quadros sombrios da capital

Há meses, li nos jornais de Lisboa, o caso sensacional dum indivíduo que conseguira recrutar um numeroso grupo de crianças a quem ensinava a arte de pedir e depois espalhava pelos locais mais frequentados.

As pobrezitas com o seu aspecto confrangedor, acabavam por comover as pessoas bondosas que quasi sempre lhes davam uma esmola.

O miserável chegava ao extremo de não consentir às crianças, o regresso a casa, sem que tivessem esmolado uma determinada quantia.

Felizmente, um hábil agente da policia acabou por descobrir o negócio e o seu miserável autor, averiguando que além dos maus tratos que as pobres crianças sofriam, estas foram na maioria raptadas às suas famílias.

Há alguns meses também, no Pôrto, uma senhora que percorria os melhores cafés, acompanhada duma criança de 13 anos, vivia da receita de actos ignominiosos que esta praticava, insidiada pela megera.

Casos como estes, são frequentes e vou contar-lhes mais um que observei pessoalmente.

Há dias fui à Estação do Correio do Rossio e quando ia para deitar uma carta no receptáculo, fui abordado por duas rapariguitas que deviam ter, uma 14 anos e a outra 7.

A mais velhita tinha na mão uns panfletos com o sugestivo título: «Meia hora de palestra com um aviador», que me estendeu, ao mesmo tempo que, com uma voz lacrimosa, me pedia para lhe comprar um exemplar.

Habitado a ver estes processos de venda, que em parte são o resultado duma ociosidade e educação aviltadoras, fiquei indiferente.

Afastei-me então, mas já distante uns passos, ainda pude ouvir-lhe:

Meu senhor! olhe que é para ajudar o meu paizinho que está muito doente na cama e não tem trabalho...

Senti então vontade de me esbofetear. Como eu era egoísta!...

Aquela criança talvez tivesse fome e em casa a sua mãe não teria dinheiro para comprar o leite para o marido doente e sem trabalho...

Mas tudo tinha remédio porque eu vou lá todos os dias, por volta das nove horas da noite, precisamente uma das de mais movimento no local.

No dia seguinte, a mesma criança lá estava meia escondida a um canto, abordando de improvisado as pessoas que se aproximavam do receptáculo.

Desta vez, não eram só as do dia anterior; outras duas mais pequeninas, faziam-lhe compa-

A TEORIA DA DEMOCRACIA

(Continuação da 3.ª página)

cial: é que as unidades não são homogéneas, e nos votos individuais entram factores das mais variadas origens e categorias. A decisão final é, no fundo, uma incongruência.

De resto, basta que o leitor faça esta pequena observação: se o número é o critério da verdade, a verdade, não existe, porque o número desloca-se muito facilmente dum prato da balança para o outro. E se o cálculo, hoje, dá um determinado resultado, nada garante que amanhã, feito noutras circunstâncias, não conduza a resultados opostos. Mas se a verdade não existe, como consequência de o seu critério estar no Número, e se este é a base doutrínaria da Democracia, — a Democracia é um mito, uma mentira, como tantas vezes tenho afirmado. Pelo que concluo que, por um lado, pelo meu, ou por outro, a Democracia é insustentável!

ALFREDO PIMENTA.

(Dos *Novos Estudos Filosóficos e Críticos.*)

nhia e côro nas lamúrias: olhe que é para o nosso paizinho!...

Mais comovido ainda, compreendi-lhe um dos tais panfletos. O rótulo ainda era o mesmo: «Meia hora de palestra com um aviador».

Satisfeito com a minha consciência encostei-me a um desses carros que servem para o transporte de bagagens e ali mesmo iniciei a leitura.

Afinal o rótulo tinha mais alguma cousa e era completo: «Meia hora de palestra com um aviador Neptunino».

De facto, reparei que a rapariguita propositadamente ou sem querer, escondia sempre com o dêdo, a última palavra do título.

O conteúdo lia-se dum fôlego e era uma série de pateticos que nem vale a pena reproduzir.

Casualmente, detive-me a observar o grupo e vi que de vez em quando as mais pequeninas se afastavam do grupo, muito sorridentes a correr para o canto duma das portas da «gare» que àquela hora fica um pouco encoberta pelos camiões do Correio que ali vão.

Embora pudesse ser brincadeira, o caso não era muito natural e propus-me ver o que as miuditas lá iam fazer.

Passados uns minutos, fiquei perplexo.

O paizinho, ou lá o que é, estava ali. Era êle com certeza. Um tipo magro, regularmente vestido, sem gravata e a barba por fazer, que vigiava o grupo olhando por debaixo da aba do chapêu já desenhado.

Era a este indivíduo que as criancitas se dirigiam e que depois de acariciar, lhes pegava nas mãozitas, talvez para receber as esmolas que recebiam.

Não quis ver mais; a minha curiosidade estava satisfeita, jurando a mim mesmo nunca mais dar esmola a qualquer criança.

Lisboa, 11-2-36.

Z.

PEDIBOLA

Vitória, 4 — Varzim Sport Club, 2

Deslocou-se até nós, domingo pretérito, o Varzim Sport Club, grupo valoroso, que se defrontou com o Vitória.

Partida movimentada, com bons esquemas de futebol, pecou apenas pela deficiência da arbitragem, que revelou grande falta de visão.

Os primeiros minutos de jogo pertencem aos visitantes, durante os quais organizam fases de assédio.

Bravo reage e comanda uma boa fase de ataque.

O Vitória aperta; carrila bem. Optimas oportunidades de marcar que os dianteiros locais perdem.

Na linha da frente, João Jesus mostra pouco apêgo à luta. Virgílio e Clemente alvejam mal as rêdes.

Este jogador, num *raid* fogoso, aponta bem e alcança a primeira bola. Os visitantes replicam com ânimo e bom entendimento.

O sector defensivo do Vitória, atento e enérgico, tudo destrói.

A segunda bola, entra pela marcação de *penalty*.

Com este resultado termina a primeira parte.

Após o intervalo o Vitória marca 3 cantos consecutivos, que nada originam.

Clemente passa a Virgílio, que aponta com êxito às rêdes.

Ligeiro toque de João Jesus origina a 4.ª bola.

Vitória organiza com acerto.

O novo defesa do grupo local, que entrou em substituição de A. Augusto, desmarca-se... e Varzim S. Club consegue 2 *goals*.

Com o resultado de 4-2, termina o encontro.

4.000.000 de jovens, que se agrupam debaixo da bandeira *Verde*, côr simbólica do escutismo.

— Que todos os escuteiros do Mundo e sobretudo os escutas do C. N. E., peçam a Deus que prolongue por muitos e muitos anos a sua preciosa vida para que com a sua Direcção firme possa assistir à Redenção completa da Juventude Universal pelo método de educação integral que brilhantemente criou há 29 anos.

— Ao terminar esta despretençiosa homenagem em honra do Chefe Mundial, quero também felicitar sua Ex.ª Espôsa Lady Baden Powell, que neste mesmo dia festeja também o seu aniversário natalício, porque se Baden Powell é o chefe do movimento escuta masculino, ela é a chefe do movimento feminino. Aproveitamos a oportunidade para fazer um apêlo às senhoras Vimaraneses, para que dentro em breve se disponham a trabalhar neste campo de Acção Social em benefício da Juventude feminina.

Por Lord e Lady Baden Powell levanta um Arraial, arraial, arraial.

Pelos Chefes Scouts a

ÁGUIA DA PENHA.

Escutismo

Completo no passado dia 22, 79 anos, o Genial fundador do Escutismo, Lord Robert Baden Powell.

— Nasceu a 22 de Fevereiro de 1857, e como cedo começasse a demonstrar vocação para as armas, assentou praça aos 19 anos, no Regimento de Cavalaria 13, onde principiou a sua brilhante carreira militar, continuada em provas de subido valor nas Campanhas da Asia e Africa, onde as suas expedições contra os Ashantis e Matabeles, e sobretudo a guerra do Transvaal, o tornaram célebre.

— Quando em 1907 regressava à sua Pátria, uma hora de dor lhe avassalou a alma ao contemplar a decadência *moral e física* que invadia a mocidade do seu país.

— Ao verificar essa decadência, logo resolve pôr em prática o seu método de educação e funda uma pequena colónia de Férias em Brownsea, que durou 25 dias.

— Em 1908 escreve um livro dedicado à juventude a que dá o nome de «Scouting for Boys» (Escutismo para rapazes).

— O seu método revoluciona a opinião inglesa, aumentando por esta razão o número dos seus discípulos.

— Principia a ser consultado sobre a nova educação da Juventude que, abstendo-se de teorias e discursos balôfos se apoia na própria formação moral, física e profissional, levantando a raça, assegura o futuro do país, formando os homens de amanhã, tornando-os bons, honestos, viris e uteis à pátria. Eis o que Baden Powell tinha em vista, e que constituindo a sua única aspiração, êle vê realizado não só em Inglaterra onde fundou o escutismo, mas em quasi todo o mundo, onde existem cerca de

CARTA DE LISBOA

Abertura

O Estado Novo Corporativo, orientado pelo exemplo admirável de Salazar, prossegue firmemente na conquista de novas vitórias, que representam, pela sua finalidade e causas derivantes, outras tantas vitórias para a segurança e prestígio de Portugal e bem-estar dos trabalhadores.

Queremos, porém, frisar a importância e desenvolvimento da organização corporativa, porque todos conhecem e é bem patente a obra de reconstrução operada e Guimarães, cidade gloriosa de tradições tam nobres, tem hoje a representá-la perante o Estado Novo, um jornal cheio de promessas e um alto sentido das oportunidades, que dedica o melhor do seu esforço e a propaganda mais interessada e clara à defesa e prestígio dos trabalhadores vimezanenses, por intermédio da sua organização nos novos moldes corporativos.

Bem haja, pois, *O Berço da Grei* e que o povo de Guimarães, trabalhador e nacionalista, compreenda e siga tam proveitosos ensinamentos para que o seu trabalho seja também compreendido e encontre na nova organização o que lhe foi negado durante o liberalismo e Salazar procura, com dedicação e sacrifício, garantir a todos nós.

Eleições

A Espanha recorda-nos dia a dia a barafunda sangenta dos últimos anos do liberalismo português, especialmente daqueles em que, devido à mudança de regime, mais se sentiu a licença desenfreada das multidões em fúria, desorientadas e prevertidas por uma propaganda sem ideias e sem nobreza.

Tem tido, mais ou menos, os mesmos actos a tragédia espanhola e assombra-nos apenas que, sendo outros os tempos e mais perigosas as aventuras, haja ainda quem trabalhe, por conta das ambições ou de interesses mal sofridos, para acender a fogueira das paixões em terras de Espanha, onde quasi só encontramos, no meio de tanta incerteza, a desunião e a desordem de todos os partidos.

As eleições de Domingo, de que nos chegam notícias imprecisas mas parece conclusivas a favor da vitória das esquerdas, devem ser, certamente, mais um desses actos da referida tragédia, cujo epílogo, se um governo híbrido mas violento não conseguir retardar, será em breve representado por um novo acto de força dos partidários de Moscovo ou, em nome da integridade e bem-estar da Espanha, pelos elementos mais valorosos e patriotas do seu exército.

Anima-nos a esperança de que

a nação vizinha não cairá tam ingloriamente na balbúrdia internacionalista, mas só nos interessa, evidentemente, pelas razões de amizade que unem os povos peninsulares e, como recordação dos nossos antigos males, pelo exemplo que agora oferece a certos insatisfeitos do «revivalho» português.

Uma homenagem

Os estudantes de Lisboa, dos cursos superiores e secundários, demonstraram, mais uma vez, com provas retumbantes e altamente significativas, a aleivosa mentira, espalhada pelos *avançados da ignorância*, de que a academia portuguesa se atastava dia a dia da doutrina e processos da nova ordem política.

Para protestar contra tamanha insolência e mostrar o seu acôrdo com a criação do Ministério da Educação Nacional, que vai emprender, brevemente, por vários meios, a obra indispensável de reeducação, alguns alunos das escolas entregaram há dias ao sr. Presidente da Assembleia Nacional uma mensagem com 2.203 assinaturas, recolhidas apressadamente.

Fica, portanto, esclarecido que a nossa mocidade académica está na sua maioria, com o Estado Novo e compreende, com seriedade e inteligência, o dever patriótico que lhe incumbe de defender e prestigiar a Pátria dos seus maiores, hoje de novo engrandecida pela obra grandiosa do governo de Salazar.

IMPRESSOS CAMARÁRIOS

Aquela dos impressos camarários está muito boa.

No mesmo número, duma página para outra, os homens do *Notícias de Guimarães*, lá se vão emendando.

Bastou a nota de 3\$00 num impresso, para mais uma especulaçozita!

No seu significativo desprezo pelas fontes oficiais, não cuidaram de saber a verdade.

Pois se só as chocarrices lhes interessam!

Pessoa amiga, conduída da mísera situação que estavam criando, propensa a mais uma nota officiosa, lá os esclareceu, e os homens rectificaram-se.

«E deste modo fica o caso esclarecido».

Se é falta de assunto, porque não se dedicam à cultura das batatas!

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Avenida dos Combatentes da Grande Guerra

Reporter A, na sua crítica semanal, publicada no último número do *Notícias de Guimarães*, afirmou:

«Pois é verdade — o nosso Município ainda não conseguiu descobrir que a Avenida dos Combatentes da Grande Guerra pertence ao concelho de Guimarães e está dentro dos muros da cidade.»

«Dizemos isto, porque, por mais que protestemos contra o estado indecoroso em que se encontra a mesma avenida, ainda não conseguimos que nos ouvissem a tal respeito...»

Seguem-se as chocarrices próprias do órgão *regionalista*.

Em face das atoardas e mentiras que semana a semana se estampam no *Notícias de Guimarães*, ousamos propor ao Município a criação do pelouro das «notas officiosas»... para esclarecimento do público e imposição do respeito que a verdade dos factos a todos deve merecer.

E julgam estes senhores, que é com notícias maldosas que servem a Terra em que nasceram!

Então você, seu «jornaleiro», ainda não viu que o orçamento da Câmara para este ano, e que aqui já foi publicado, inclui uma verba de 75 contos destinada à terraplanagem e expropriação de casebres da Avenida dos Combatentes da Grande Guerra?

E tem este senhor, encoberto no anonimato, a petulância de afirmar que a Câmara não descobriu a Avenida dos Combatentes da Grande Guerra!

Quando acabará o reinado da mentira que o *Notícias de Guimarães* implantou nesta Terra?

Tenham paciência, srs. vereadores, notas officiosas, mais notas officiosas, a ver se esta gente se corrige.

Desculpa ou desmentido?

Numa estirada coluna, chocadeira e venenosa, subordinada à epigrafe comprovativa dos incorregíveis processos, o *Notícias de Guimarães*, não responde, apenas insulta e desculpa-se, ou melhor, retrata-se.

Depois de aquilatar as graves conseqüências do «suelto» sobre as plantas junto ao castelo dos Almadas, coitadinho! vem afirmar que o ácido sulfúrico não era para os arbustos — mas unicamente para a mortuária paisagem.

Esta maneira de se desmentir, sem arte nem esperteza, só infunde lástima e compaixão.

Afirma o órgão regionalista que fomos nós que deturpamos o significado das palavras.

Mas, ó preclaríssimos senhores, aquilo só tem uma interpretação! Transcrevemos.

«E estão dois ramalhos a pilonar o pórtico gótico para dar aso a maior mistério, etc...»

E, não há umas grammas de ácido sulfúrico que acabem com aquela mortuária paisagem».

Isto está claro. Lá se vocês se arrependeram, isso é outra cousa.

Mas se o *Notícias de Guimarães* afirma hoje, para amanhã, medidas as responsabilidades, se retratar, somos levados a concluir que estamos a lidar com crianças...

O T E A T R O

Os trabalhos preliminares para a reconstrução do D. Afonso Henriques, que pareciam vogar em boas águas, encontraram um escôlo.

A Câmara, porém, está afincada em remover esta dificuldade, de carácter jurídico.

João Ferreira das Neves

Rua de Santo António — Guimarães — Telefone 181

Apresenta para bem servir os seus estimados clientes como sempre os seguintes horários:

Carreira entre GUIMARÃIS e PORTO

Partidas de Guimarães
8 h., 12,30 e 18,15

Partidas do Porto
8 h., 10,15 e 17

Carreira GUIMARÃIS — POVOA DE VARZIM

Partida de Guimarães
7,30 h.

Partida da Fôvoe
17,30 h.

Carreira GUIMARÃIS — PEVIDEM

Partidas de Guimarães
7,35 h., 12 e 19

Partidas de Pevidem
8 h., 12,30 e 19,30